



A GUERRA ASSIMÉTRICA

Asp (FN) Cassiano Simões da Silva

Para que possamos entender o conceito de Guerra Assimétrica, precisamos voltar um pouco no tempo e tomar conhecimento dos quatro tipos de guerra moderna. Em 1648, com o fim da Guerra dos Trinta anos, foi elaborada a Paz de Westphalia. Com esse tratado, o Estado passou a monopolizar as guerras, ou seja, organizações independentes (como famílias, empresas, religiosos, tribos, entre outras) não representariam mais o papel de Forças Armadas regulares. Depois de mais de 350 anos, alguns meios de guerra antigos estão ocorrendo novamente, como extorsão e terrorismo. Devido à peculiaridade dos treinamentos, a grande preocupação de um exército regular é enfrentar oponentes que não se assemelhem a ele próprio, pois em combate não haveria a menor noção do que eles seriam capazes de realizar.

A seguir, serão comentadas, apenas superficialmente, as três primeiras Gerações da Guerra Moderna, pois o foco principal do artigo é a Guerra Assimétrica (Quarta Geração). Essa pequena síntese é apenas para que o leitor possa entender com mais clareza o que será tratado posteriormente.

O General-de-Exército Carlos Alberto Pinto Silva, em um de seus artigos para o site do Comando de Ope-

rações Terrestres, define as três primeiras Gerações da Guerra da seguinte forma:

“A Primeira Geração da Guerra moderna foi a guerra de linha e coluna, onde as batalhas eram formais e o campo de batalha era ordenado, tendo ocorrido entre 1648 e 1860, aproximadamente. A Guerra de Segunda Geração foi uma resposta ao desalinhamento observado no campo militar nas últimas décadas do século XIX. Este modelo foi basicamente desenvolvido pelo Exército Francês, durante e depois da I GM, a guerra de segunda geração procurou uma solução no fogo concentrado, a maior parte dele de Artilharia. O objetivo era o atrito e a doutrina resumida pelos franceses como sendo “a Artilharia conquista, a Infantaria ocupa”. A Terceira Geração da Guerra, foi também um produto da I GM, foi desenvolvida pelo Exército Alemão e ficou conhecida como blitzkrieg ou a guerra de manobra. A guerra de Terceira Geração foi baseada não no poder de fogo e no

atrito, mas na velocidade, na iniciativa, na descentralização, na surpresa e no deslocamento mental e físico.”

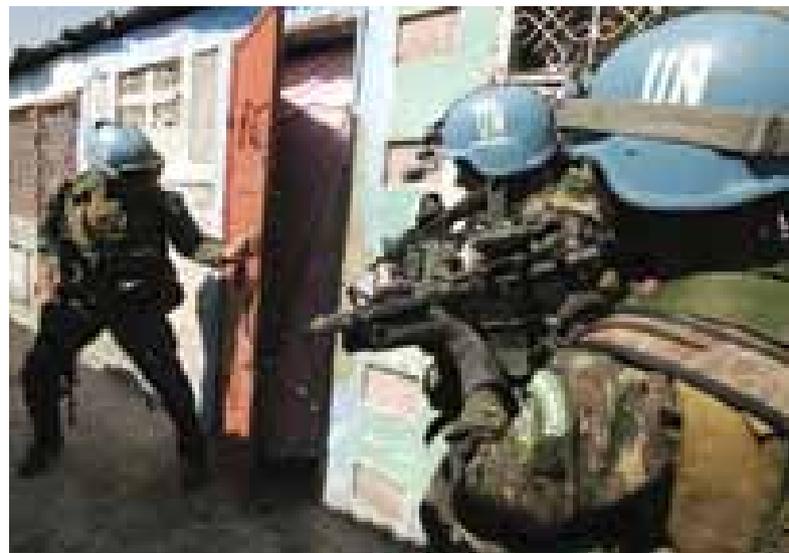
A Quarta Geração é marcada pelo grande antagonismo existente entre as forças em combate, que em geral ocorre entre Forças Armadas regulares subordinadas ao Estado contra guerrilheiros, terroristas, fanáticos religiosos, entre outras forças adversas não convencionais. Existem diversos conflitos desse tipo ocorrendo no mundo contemporâneo. Um exemplo é a guerrilha do narcotráfico existente na Colômbia, onde as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) pregam o caos na região de fronteira, através de sequestros para persuadir o governo daquele país. Outro exemplo é a atuação do grupo paramilitar Hezbollah, que se constitui em um dos principais movimentos de combate à presença israelense no Oriente Médio, utilizando-se de ataques terroristas, pressionando a comunidade mundial para a criação de um Estado Palestino. A Al-Qaeda e o Hamas são outros exemplos de forças não regulares que estão em conflito com o Estado. É importante notar que, na maioria dos lugares em que ocorrem conflitos entre essas forças não convencionais contra tropas regulares, o Estado mostra-se em desvantagem. A definição de Guerra Assimétrica, fornecida pela Marinha do Brasil, pode comprovar tudo o que foi dito anteriormente:

“A guerra assimétrica é empregada, genericamente, por aquele que se encontra muito inferiorizado em meios de combate,

em relação aos de seu oponente. A assimetria se refere ao desbalanceamento extremo de forças. Para o mais forte, a guerra assimétrica é traduzida como forma ilegítima de violência, especialmente quando voltada a danos civis. Para o mais fraco, é uma forma de combate. Os atos terroristas, os ataques aos sistemas informatizados e a sabotagem são algumas formas de guerra assimétrica.” (BRASIL. Estado Maior da Armada. EMA305: Doutrina Básica da Marinha. Brasília. 2004)

Como já citado, essa nova modalidade de guerra é marcada pela grande diferença de poder, tais como tecnológico e logístico. Portanto, a tática das forças em desvantagens é negar a vitória, não se trata mais de vencer a guerra, e sim de não perder. A tropa inferior se empenha em destruir pontos de importância logística, política e social, a perda acaba sendo não somente militar mas também política. Essa nova tática é exaurir o inimigo mais forte, causando-lhe perdas até que a guerra se torne tão dispendiosa política e moralmente que não mais convenha continuar a batalha. Uma solução das forças regulares é adotar uma tropa de infantaria realmente leve, que possa se mover mais rapidamente e para mais longe do que o inimigo, que consiga se manter com seu próprio armamento sem necessidade de apoio de fogo, e com o mínimo de apoio logístico para se manter em combate pelo máximo de tempo possível.

A Quarta Geração também introduz uma nova concepção na parte de material bélico e equipagem individual. Na guerra convencional, o tamanho do ar-





mamento não era um fator limitante para o combate, pois se dava em campo ou região não urbanizada; porém, em combate urbano, é necessário flexibilidade com o uso do armamento, pois os compartimentos são apertados. Uma adequação que foi feita durante os primeiros contingentes de tropas de Fuzileiros Navais do Brasil do Haiti foi do fuzil M16 A2 para o M4, juntamente com o uso da pistola 9 mm. Quanto à nova equipagem individual, pode-se notar o uso de joelheiras e cotoveleiras, pois o combatente entra muito em choque com chão cimentado; o uso de mochila de água (*camelback*) em vez do cantil no cinto, que pode ficar agarrado em portas e cercas; e o uso de vestimentas apropriadas para cada ambiente (as tropas americanas já utilizam camuflados digitalizados que se confundem melhor com o meio e o CFN tem um projeto para aquisição desse tipo de camuflado em um futuro próximo).

A condução de tropas nessa nova concepção de guerra tem tomado novos rumos. A manutenção de uma tropa coesa não depende mais da incitação do combatente contra uma nação ou a manutenção da liberdade. Agora estão em xeque atritos culturais e religiosos. Muitas vezes a luta se dá com tropas fanáticas, as quais não possuem uma liderança concreta, e sim indivíduos convencidos por uma crença abstrata, como os islâmicos fundamentalistas. Em forças regulares engajadas em guerra assimétrica, tem se tornado importante a liderança de pequenos grupos, pois o combate acaba se ramificando até equipes de aproximadamente cinco militares. Nesses grupos é importante que o líder se mantenha através do exemplo e gere uma firme união, pois um necessita do outro nesta célula do combate.

A Guerra Assimétrica é a guerra do presente, com certeza será a guerra do futuro e, na maioria das vezes, será travada através de combates urbanos. Portanto, é necessário que os nossos combatentes anfíbios estejam treinados e preparados para tal. Com consciência disso, o alto escalão vem adquirindo novos materiais e aprimorando o treinamento dos nossos militares. A aquisição do Simulador Tático de Infantaria Laser (STIL) é um bom exemplo de como realmente existe a preocupação com o desenvolvimento. Além disso, treinamentos em regiões que simulam o combate urbano (como favelas simuladas) contribuem para a melhor formação do militar. Como prova cabal de que nossos combatentes estão sendo bem treinados, podemos observar o exemplo da Missão de Paz Haiti, onde ocorre um combate urbano caracterizado pela Guerra Assimétrica. Todos os contingentes que para lá foram cumpriram sua missão com maestria e perfeição. Além disso, tiveram a oportunidade de estar em combate real e adquiriram experiências únicas, que são passadas aos outros militares que ainda não tiveram a chance de estar em missões reais. Por fim, temos a certeza de que nossos Fuzileiros estão muito bem preparados para toda e qualquer missão e, independente do tipo de guerra que o futuro nos reserva, os Fuzileiros Navais estarão prontos para defender nossa soberania. **ADSUMUS!**

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Estado Maior da Armada. EMA305: Doutrina Básica da Marinha. Brasília. 2004.

COSTA, Darc. Visualizações da guerra assimétrica. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra (ESG), 2003.

www.coisasinternacionais.com

www.coter.eb.mil.br

www.egn.mar.mil.br

www.forte.jor.br